

## A SUBJETIVIDADE É A VERDADE

Éder Junior Moraes<sup>1</sup>

Fabio Junior Batistella<sup>2</sup>

Leossandro Carlos Adamiski<sup>3</sup>

### Resumo:

A verdade sempre foi objeto de muitas discussões. Assim, neste artigo, pretende-se apresentar as reflexões de Sören Aabye Kierkegaard acerca da verdade existencial. Para Kierkegaard, Deus é a Verdade Plena que só é alcançada mediante a fé após a superação do caminho proposto pelo próprio cristianismo. Destarte, a verdade não pode estar na multidão, mas no indivíduo. Usando de um método próprio, Kierkegaard empreende a busca da verdade encontrando-a na subjetividade, isto é, na interioridade do indivíduo. Portanto, o objetivo deste artigo é apresentar no que consiste, ou o que é, propriamente, para Kierkegaard, a verdade.

**Palavras-chave:** Verdade. Subjetividade. Fé.

### Considerações preliminares

Sören A. Kierkegaard nasceu na Dinamarca em 1813. Viveu em uma época permeada pelo espírito revolucionário francês<sup>4</sup> (1789), pelos sistemas filosóficos que pretendiam compreender e abarcar a existência humana na sua totalidade. Essa época também foi marcada pela profunda crise do cristianismo protestante frente à vivência, o testemunho e a prática da verdade cristã. Este contexto filosófico, religioso, social, histórico foi decisivo para que Kierkegaard empreendesse uma busca ousada, no entanto, indispensável à vida do indivíduo<sup>5</sup>: qual o sentido da minha existência.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS. E-mail: mrsbann@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS. E-mail: fabiobatistella@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Acadêmico do Curso de Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS. E-mail: leossandroc@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Alguns pensadores se destacaram neste cenário histórico, tais como Rousseau (1712–1778), Diderot (1713–1784), Voltaire (1694–1778), D'Alembert (1717–1783), Montesquieu (1689–1755), entre outros.

<sup>5</sup> No início de sua obra Kierkegaard já alerta para o fato de que a busca pela verdade não se faz em conjunto, mas é realizada solitariamente. Por isso, tornar-se indivíduo é uma das condições para se alcançar a verdade. Ser indivíduo é não possuir uma estrutura existencial dada, predeterminada. Implica ainda o afastamento do geral para caminhar sozinho. Contudo não se trata de um egoísmo, pois o indivíduo não nega os demais indivíduos, mas ele se afasta por livre decisão porque compreende que esta é uma condição necessária para poder realizar-se individualmente.

A herança paterna, a fé e o zelo pela vida e pelo sagrado, significaram para Kierkegaard a preocupação pela descoberta do sentido de viver, de acreditar em um Deus intangível e inacessível objetivamente, isto é, de encontrar a verdade da própria existência. Esta preocupação, *encontrar a verdade da própria existência*, é a raiz de toda a obra Kierkegaardiana. Toda a sua obra pretende ser um mergulho no seu próprio interior e um confronto com a realidade. As suas obras constituem sua própria experiência existencial, fundamentada na vivência radical da fé cristã. Segundo Secco:

Esse autor pretendeu pensar a própria existência tanto com base na tradição do pensamento ocidental como na sua própria experiência pessoal, num horizonte dialético que privilegiava a descrição das esferas da existência com referência a uma finalidade específica, qual seja, o tornar-se consciente da própria vida com base na revelação cristã (Secco, 2004, p.925).

Assim, Kierkegaard compreendeu que, pela vivência radical do cristianismo e pelo desejo de encontrar a verdade, é possível descobrir o sentido existencial fundamental da vida. É imprescindível encontrar o sentido da própria existência porque a vida é feita de instantes e cada *instante*<sup>6</sup> é decisivo (Kierkegaard, 1995, p.36). Entretanto, o próprio cristianismo com a sua doutrina e exigências, oportuniza essa descoberta. Deste modo, percebeu Kierkegaard que a fé deve ser esse caminho que conduz à fonte e plenitude de toda existência e que essa busca não se pode fazer em grupo, mas deve ser uma busca individual, solitária, pois “la multitud es la mentira” (Larrañeta, 1990, p. 134). Por isso, Kierkegaard afirma que “o indivíduo: [é] a categoria pela qual devem passar, sob o ponto de vista religioso, a época, a história, a humanidade” (Kierkegaard, 2002, p.124).

O indivíduo enquanto cristão é aquele que mergulha no seu interior para poder descobrir a verdade sobre si mesmo e testemunhá-la. Segundo Larrañeta, o “testemunho” é uma prova infalível do descobrimento da verdade, pois quem a descobre é capaz de “sufrir por la verdad” (Larrañeta, 1990, p.135). Contudo, ainda permanece irresoluta esta questão: de acordo com Kierkegaard, o que é a Verdade?

### **A verdade - proposta do cristianismo**

O cristianismo, como tal oferece ao indivíduo as condições para que este compreenda o sentido do existir. Kierkegaard compreendia que o cristianismo permitia ao indivíduo

---

<sup>6</sup> Para Kierkegaard, o instante pode ser definido como algo que “tem uma natureza própria. Sem dúvida é breve e temporal como o é todo instante, passando, como todos os outros, ao instante seguinte, e no entanto é o decisivo, pleno de eternidade” (Kierkegaard, 1995, p. 38).

voltar-se para seu interior e refletir sobre sua ação e relação com a realidade, mediante o encontro com Deus. O cristão é um indivíduo marcado pela subjetividade, pois “siendo la verdad algo que está en relación esencial con el espíritu, ésta se constituye como la actividad de apropiación de su propio interior” (Larrañeta, 1990, p. 128).

Contudo, a tarefa de descobrir a verdade e chegar a ela, não é fácil, segundo Kierkegaard. Para descobrir a verdade é imprescindível *conhecer-se a si mesmo*<sup>7</sup>. É necessário esforçar-se e empenhar-se para superar as etapas da existência. Essas [etapas da existência] “são determinantes existenciais do caráter humano, instâncias que se oferecem ao indivíduo na sua caminhada para encontrar a sua própria verdade” (Secco, 2004, p.928). Assim, essa empreitada requer dedicação, coragem e perseverança. Alcançar a plena verdade não é como percorrer um caminho iluminado, por vezes é um salto no absurdo, é mister abandonar-se ao desconhecido, ao obscuro, à incerteza: “o salto aqui é caracterizado por Kierkegaard como um ato de coragem, pois o homem irá se defrontar com desafios que o farão mergulhar num estado de tremor e temor” (Secco, 2004, p.931-932).

O primeiro salto a ser dado pelo indivíduo é o de superar as aparências e a busca incessante dos prazeres imediatos. Kierkegaard denominou este estágio de *Estético*. Esta é a realidade da sociedade da época em que viveu Kierkegaard: “Se, pois, por hipótese, a maioria dos cristãos só o é em imaginação, em que categorias vivem eles? Nas da estética ou, quando muito, nas categorias estético-éticas” (Kierkegaard, 2002, p.43). Neste estágio [Estético] o indivíduo vive egoisticamente, sem regras, ou seja, não reconhece o outro como indivíduo, mas apenas como objeto para saciar a sua sede de prazer. Num primeiro momento, não há consciência do sentido da sua existência e nem de que possui liberdade de escolher, de optar. Para os indivíduos que vivem nesse estágio, o prazer constitui o *telos* da existência.

El esteta es, pues, el hombre que vive a flor de piel, el cazador de sensaciones que se vuelca sin límites en la inmediatez, en el instante huidizo e irrepitable en lo que tiene de interesante o placentero, el hedonista que ordena su existencia al placer y al goce en toda su casi infinita gama de posibilidades, desde el goce de la vida hasta el goce de sí mismo (Colomer, 1990, p.61).

O indivíduo vive sempre buscando as sensações, mas elas sempre lhe escapam. Ele vive o vazio de sua existência. Não é apenas uma insatisfação, mas é a angústia de não deter nada. A partir dessa angústia o indivíduo desencadeia o processo da descoberta do sentido da existência, pois ele não pode continuar na situação que se encontra, uma vez que tem consciência de que poderia ter agido de outro modo. Não há resignação diante da angústia,

---

<sup>7</sup> Referência ao método Socrático: *Maiêutica*.

mas há o desejo de libertar-se dela. Há um desejo de converter-se, de mudar de direção e sentido, ou seja, de tornar-se “um homem novo” (Kierkegaard, 1995, p.39). Deste modo, o que permite ao esteta superar este estágio é a consciência da sua própria existência, visto que a angústia constitui o “fundo do poço” e também o início de uma nova etapa: a Ética.

No estágio Ético, o indivíduo descobre como é viver com responsabilidades e deveres. Há a busca de estabelecer relações com os outros, com a sociedade e, nela, descobrir a sua função, o seu papel, a sua tarefa. O homem renuncia a ser um anônimo, uma exceção na sociedade. Enquanto o esteta vivia do prazer egoísta, o indivíduo ético vive no tempo e vê o tempo como um aliado na construção da sua personalidade.

O ético é aquele que reconhece o aspecto transitório e evanescente do real. Como nada sólido pode se erguer sobre ele, refugia-se em sua interioridade, onde reconhece valores morais e eternos sobre os quais é possível construir sua personalidade. Escolhe aceitar esses valores morais, pois compreende que eles representam a expressão dessa liberdade, dessa vontade, que os aceita como tais. [...] O ético é aquele que pode conciliar sua vontade com a vida social sob a forma do dever (Le Blanc, 2003, p. 63).

Entretanto, Kierkegaard afirma que o indivíduo não se contenta apenas em cumprir suas obrigações, pois assim seria um escravo do geral, do dever, ou seja, do exterior. O indivíduo vivendo esta situação compreende que sua história pessoal é marcada pelo justo, pelo injusto, pelo certo e pelo errado. O indivíduo toma consciência da sua condição humana, do seu pecado e do seu erro. Esta tomada de consciência, segundo Kierkegaard, só é possível porque o indivíduo descobre e afirma a sua subjetividade, isto é, o indivíduo conhece verdadeiramente a si mesmo. Assim, “a subjetividade apresenta-se como um poder de Redenção” (Le Blanc, 2003, p. 63), pois a subjetividade é consciência do erro e/ou do acerto. Quem errou, reconhece o erro porque sabia o que era o certo, o que era verdadeiro e arrepende-se de ter falhado. O indivíduo vive, neste momento, o desespero. “La desesperación es la pasión de devorarse a sí mismo sin la capacidad de hacerlo” (Colomer, 1990, p.72). Quando o indivíduo ético vive essa autêntica desesperação e reconhece a necessidade do arrependimento, o salto para o estágio *Religioso* é possível. Segundo Kierkegaard é neste estágio que o indivíduo relaciona-se com Deus e afirma a sua interioridade e a sua história pessoal. Kierkegaard, partindo de sua busca existencial pela verdade e pelo sentido de sua existência, afirma que o seu “erro foi não ter fé, a fé de que para Deus tudo é possível.” (Le Blanc, 2003, p. 38). Somente com o arrependimento e com o desespero é possível superar o estágio Ético e lançar-se ao estágio Religioso.

Ao atingir o estágio religioso, o indivíduo escolhe “estar ante Dios” (Colomer, 1990, p.67) e vive uma experiência interior do ilimitado, do desconhecido. O indivíduo descobre a verdade, o sentido da sua própria existência.

A passagem do estágio ético para o religioso se realiza por intermédio de um salto qualitativo, caracterizado pelo abandono de todo imperativo moral universal em direção a um domínio em que não se dispõe de diretrizes ou normas gerais de ação, domínio esse que deve ser realizado com base na interioridade infinita. Na passagem entre esses dois domínios o homem percebe a insuficiência da razão em auxiliá-lo e necessita agora de um novo instrumento que lhe permita enfrentar os paradoxos apresentados nesse novo domínio (Secco, 2004, p.931).

O fato de “estar ante Dios” significa para o indivíduo a afirmação da sua interioridade e o encontrar-se na subjetividade. Deus só é acessível pela subjetividade, pois “na ordem temporal, Ele e eu não podemos conversar, não temos língua comum” (Kierkegaard, 1988, p.128). Pela subjetividade há propriamente, um diálogo entre o indivíduo e Deus, há uma relação de amor e de verdade, de entrega, de abandono e de fé. “A verdade promana duma operação da intimidade” (Silva, 1956, p.72). O indivíduo recebe as condições para reconhecê-la, visto que Deus só é possível através de uma experiência de intimidade, de fé e, segundo Kierkegaard, “a fé é o modo de conhecimento do homem interior” (Silva, 1956, p.72), contudo “ter fé é assumir os riscos que derivam das possibilidades da existência” (Silva, 1956, p.72). Segundo Kierkegaard:

A fé é a mais alta paixão de todo homem. Talvez haja muitos homens de cada geração que não a alcancem, mas nenhum vai além dela. Se se encontram ou não muitos homens do nosso tempo que não a descubrem, não posso decidi-lo, porque apenas me é lícita a referência a mim próprio, e não devo ocultar que me resta ainda muito que fazer, (...). Mas mesmo para aquele que não chega até a fé, a vida comporta suficientes tarefas, e se as aborda com sincero amor, a sua vida não será perdida, mesmo que não possa ser comparada à existência dos que aprenderam e alcançaram o mais alto (Silva, 1956, p.72).

Portanto, Kierkegaard assevera que o próprio cristianismo apresenta um caminho de descoberta do sentido e da verdade existencial. Esse caminho é constituído por etapas que são superadas à medida que o indivíduo toma consciência da sua condição humana. No fim desse caminho interior se encontra a Verdade, Deus. A interioridade é sempre algo subjetivo e o que é subjetivo torna-se uma questão primeiramente de fé.

## Considerações finais

Com esse artigo, pretendeu-se abordar a concepção de Kierkegaard acerca da verdade, ou seja, o que realmente consiste encontrar a verdade. Para todo e qualquer indivíduo, assevera Kierkegaard, é imprescindível o encontro da verdade, pois somente deste modo é possível responder àquela antiga, mas sempre atual pergunta, sobre *o porquê vim ao mundo*. Não é uma tarefa fácil, muito pelo contrário, é uma missão árdua que exige muita superação, dores, sofrimentos, perseverança e urgência.

Encontrar a verdade é urgente, segundo Kierkegaard, pois a finitude e a brevidade são condições inerentes à natureza humana. Portanto, a vida é, considerando-a enquanto existência no mundo, passageira e finita. Assim sendo, o indivíduo deve empenhar sua vida nesse empreendimento, pois é necessário descobrir o sentido da sua existência.

O indivíduo somente descobrirá ou encontrará a verdade quando *conhecer-se a si mesmo*. O conhecimento essencial, ou seja, a verdade acerca do *porquê vim ao mundo*, tem como condição necessária a *interioridade*, a *subjetividade*. Ao passar pelas etapas da existência, *estética e ética*, o indivíduo se dá conta do seu pecado, do seu erro e reconhece que precisa converter-se. A conversão é um processo que conduz a interioridade. Ao efetuar esse processo Deus se revela ao indivíduo como sendo a Plena Verdade. Assim, Deus – Plena Verdade – revela ao indivíduo o sentido da sua existência. Deus é o que há de mais subjetivo no indivíduo. Por conseguinte, segundo Sören A. Kierkegaard, a subjetividade é a verdade.

## Referências bibliográficas

COLOMER, Eusebi. **El pensamiento alemán de Kant a Heidegger**.. Barcelona: Herder, 1990. v. III.

KIERKEGAARD, Sören A. **Migalhas Filosóficas**: ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus. Tradução de Ernani Reichmann e Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Ponto explicativo de minha obra como escritor**. Tradução João Gama. Lisboa: Ed. 70, 2002.

\_\_\_\_\_. **Temor e Tremor**. 3. ed. Tradução de Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Montenegro. São Paulo: Abril Cultural, 1988.

LARRAÑETA, Rafael. **La Interioridad Apasionada**: verdad y amor en Sören Kierkegaard. Salamanca: Editorial San Esteban, 1990.

LE BLANC, Charles. **Kierkegaard**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

SECCO, Frederico Schwerin. O conhecimento essencial segundo Kierkegaard. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v.14, n. 5, p. 925-941, maio 2004.

SILVA, Vicente Ferreira da. Kierkegaard e o problema da subjetividade. **Revista Brasileira de Filosofia**. São Paulo, v. 6, n.1, p. 70-76, jan./mar. 1956.